

José Claudinei Lombardi  
Marcos Lima  
(Orgs.)

EDUCAÇÃO E REVOLUÇÃO:  
AS REVOLUÇÕES NOS SÉCULOS XIX E XX  
E AS POSSIBILIDADES DE UMA NOVA EDUCAÇÃO

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais  
Navegando Publicações  
2020



## II

### COMUNA DE PARIS E A EDUCAÇÃO\*

*Paulino José Orso*

Gostaria de iniciar afirmando que a Comuna de Paris de 1871 se constitui num fato extraordinário e central para a história da humanidade. Pela primeira vez os trabalhadores assumiram o poder e demonstraram que é possível construir uma nova humanidade. No entanto, como Ela permanece praticamente desconhecida pela maioria das pessoas, começemos por falar sobre ela. Então perguntamos: Em que consistiu a Comuna de Paris?

Durante o período de 19 de julho de 1870 e 10 de maio de 1871, a França se encontrava em guerra com a Prússia, na chamada Guerra Franco-Prussiana, ocorrida entre o Reino da Prússia (atual Alemanha) e o Império Francês.

Até aquele momento a Alemanha não estava unificada. Só viria a sê-lo no dia 18 de Janeiro de 1871. O território germânico era fragmentado, composto por 39 principados, que integravam a chamada Confederação Germânica, cujo governo era exercido por uma assembleia de representantes de todos os principados/estados. Após a guerra contra a Áustria, que se opunha à unificação, a Prússia, que já era o principado mais poderoso, impôs-se sobre os demais.

Em 1870, temendo o aumento do poder prussiano na Península Ibérica, Napoleão III, declarou guerra à Prússia. Todavia, como ela possuía armamentos mais sofisticados, a França foi derrotada na Batalha de Sedan e 83 mil homens do exército francês foram aprisionados em conjunto com o imperador.

Nesse momento, no dia 18 de março de 1871, durante a guerra franco-prussiana, portanto, enquanto o exército francês, que era en-

---

\* DOI – 10.29388/978-65-86678-06-2-f.59-72

carregado de reprimir os trabalhadores, encontrava-se aprisionado pelas tropas prussianas, sob a liderança de Bismark, os trabalhadores parisienses, sob o comando do Comitê Central da Guarda Nacional, que havia sido organizado para manter a ordem na capital, tomaram posição contra a Assembleia Nacional, apossaram-se da artilharia, “assaltaram os céus” e decretaram a Comuna.

À situação de exploração e de miséria a que o povo vinha sendo submetido desde muito tempo, denunciava o caráter ideológico, místico e de classe das reformas e promessas burguesas. Isso fez com que os trabalhadores parisienses, num momento excepcional, reagissem e tomassem a direção de suas vidas em suas próprias mãos. Era a primeira experiência dos trabalhadores no poder.

Como diz a Proclamação desse Comitê “os proletários da capital, em meio às fraquezas e traições das classes governantes, [...] compreenderam que era seu dever imperioso e seu direito absoluto tomar em mãos os seus destinos e assegurar-lhes o triunfo conquistando o poder”.

Ou, então, como nos diz Bertolt Brecht nesse estrato de seu poema “Os dias da Comuna”:

Considerando: vocês escutam os canhões  
Outra linguagem não conseguem compreender  
Deveremos então, sim, isso valerá a pena  
Apontar os canhões contra os senhores.  
(Cf. LERNER, F., 2001, p. 11).

Assim, com a tomada do poder pelos comunardos, o Comitê Central se transformou em Governo Provisório. Oito dias depois, em 26 de março, infundido dos ideais republicanos e democráticos do momento, convocou eleição transferindo o poder aos parisienses. Nessas eleições foram eleitos 80 delegados, 25 dos quais eram operários e 12 artesãos. Os demais eram intelectuais, comerciantes e representantes de diversos distritos da capital. Dentre os eleitos, havia membros da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), blanquistas, ja-

cobinos, jornalistas e outras correntes. Um terço dos eleitos eram trabalhadores manuais.

Tratava-se de um governo autogestionário. Os próprios trabalhadores administravam o poder, promulgavam leis e realizavam reformas.

Dentre as **medidas adotadas pela Comuna**, pode-se mencionar:

- a abolição do trabalho noturno;
- as oficinas que estavam fechadas foram reabertas e instaladas cooperativas. Projetou-se a autogestão das fábricas, mas não se chegou a implementar como ocorreu no caso dos teatros e editoras, que passaram a ser autogeridas pelos artistas;
- as residências que estavam vazias foram desapropriadas e ocupadas;
- as heranças sem herdeiros passaram a ser confiscadas pelo Estado;
- a jornada de trabalho foi reduzida de 14, 15, 16 horas, para 10 horas diárias e se chegou a propor a jornada de oito horas. Os descontos em salário foram abolidos;
- os sindicatos foram legalizados;
- instituiu-se a igualdade entre os sexos;
- os advogados perderam o monopólio da lei, os honorários advocatícios e o juramento judicial foram abolidos e os cargos de juízes passaram a ser eletivos;
- o casamento se tornou gratuito e simplificado;
- a pena de morte foi abolida;
- adotou-se novamente o calendário revolucionário;
- a Igreja de Brea, que havia sido erguida em memória da vitória da burguesia nas Revoluções de 1848 foi posta abaixo, o confessionário de Luís XVI foi destruído, decretou-se a separação entre o Estado e a Igreja, a Igreja deixou de receber subvenções do Estado, as ima-

gens religiosas foram derretidas e a religião passou a ser uma questão de foro íntimo;

- a educação passou a ser gratuita, laica e compulsória. Foram criadas escolas noturnas e todas as escolas passaram a ser mistas; o salário dos professores foi duplicado;
- o serviço militar obrigatório e o exército regular foram abolidos;
- a Coluna Vendôme, símbolo do poder repressivo foi derrubada;
- a guilhotina, símbolo máximo do poder burguês da época, foi levada à rua pela Guarda Nacional e queimada em meio a um entusiasmo popular;
- o internacionalismo foi posto em prática – a Comuna incluía belgas, italianos, poloneses, húngaros;
- a Bandeira Vermelha foi transformada em símbolo da Unidade da Humanidade.

Como se percebe, tratava-se do exercício de uma democracia direta.

As mudanças realizadas pelos comunardos traziam muitas esperanças para as novas gerações que viviam em meio a um mundo com tanta riqueza e, ao mesmo tempo, em meio a tanta pobreza e miséria.

Assim se expressava Jules Vallés:

E tu pequeno, que brincas à sombra das barricadas, aproxima-te, quero dar-te um beijo! O 18 de março abriu para ti um futuro esplendoroso, meu pequeno. Sem ele, seria outra tua sina. Crescerias como crescemos nós, entre trevas, mergulhado na lama, revolvendo-te em sangue, sufocando-te na humilhação e sofrendo indizível tormento do opróbrio (Boletim da programação das comemorações dos 130 anos da comuna de Paris – 2001 – SP).

Segundo a Circular emitida por Vaillant, delegado da Comuna de Paris para a educação, ela deveria seguir uma orientação no sentido socialista. Diz a Circular:

Considerando que é importante que a Revolução Comunal afirme seu caráter essencialmente socialista por uma reforma do ensino, assegurando a todos a verdadeira base da igualdade social, a instrução *integral* a que cada um tem direito e facilitando-lhe a aprendizagem e o exercício da profissão para a qual o dirigem seus gastos e aptidões; Considerando, por outro lado, que enquanto se espera que um plano completo de ensino integral possa ser formulado e executado, é preciso decretar as reformas imediatas que garantem, num futuro próximo, essa transformação radical do ensino;

A delegação do ensino convida as municipalidades distritais a enviar, no mais breve prazo possível, para o doravante Ministério da Instrução Pública, Rua de Grenelle–Germain, 110, as indicações e as informações sobre os locais e estabelecimentos melhor apropriados à pronta instrução de escolas profissionais, onde os alunos, ao mesmo tempo que farão a aprendizagem de uma profissão, completarão sua instrução científica e literária.

Além disso, solicita-se às municipalidades distritais que se entendam com a Delegação do Ensino, a fim de colocar, o mais rapidamente possível, as escolas profissionais em atividade.

Paris, 17 de maio de 1871

*O membro da Comuna, Delegado do Ensino*: Ed. Vallant<sup>1</sup>.

Esta circular demonstra a relevância que a Comuna destinava à educação. Os comunardos acreditavam que ela poderia desempenhar um papel importantíssimo na construção da sociedade do futuro.

Em matéria de ensino, além de a educação ter passado a ser gratuita, laica e compulsória; de terem sido criadas escolas noturnas e de todas as escolas passaram a ser mistas, o salário dos professores foi duplicado. Porém, como a orientação das reformas educacionais era

---

<sup>1</sup> DUNOIS, A. Textos e documentos. In: LUQUET, P. *A Comuna de Paris*. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert S. A., 1968. pp. 71–72.

de tipo socialista, a Comuna não teve tempo suficiente para realizá-las como pretendia.

A educação deveria oferecer uma formação voltada para o desenvolvimento integral do homem, para o homem completo, uma formação omnilateral, para o desenvolvimento de todas as dimensões e potencialidades humanas, integrando a cultura física com o ensino técnico, que já era uma reivindicação da Primeira Internacional. Além disso, a Comuna procurou pôr em prática aquilo que a burguesia mistificava na teoria, isto é, procurou promover a laicidade e a obrigatoriedade do Estado em oferecer educação de forma gratuita a todos. Ordenou-se a retirada de todos os símbolos religiosos, imagens, dogmas, orações e criaram-se creches e escolas elementares para os filhos dos trabalhadores, bem como, promoveu-se uma verdadeira revolução cultural na vida cotidiana.

Mas, como a burguesia não estava disposta a dividir o “céu” e o queria/quer somente para ela, a alegria da Comuna durou pouco. A burguesia se encarregou de logo esmagar os que ousaram “assaltar os céus” e condená-los aos infernos.

Inicialmente, a burguesia francesa “deu de ombros”, fez pouco caso pelo fato dos trabalhadores terem assumido o poder. Entretanto, na medida em que percebeu que estavam realizando transformações profundas, indicando, a médio e longo prazo, a supressão da propriedade privada, das classes, do próprio Estado e a construção de uma sociedade socialista; na medida em que se deu conta de que podiam fazer com ela o mesmo que haviam feito contra a aristocracia, a nobreza e o clero durante a Revolução Francesa, não hesitou em se “humilhar”, “rastejar”, “botar o rabo entre as pernas”, prostrar-se diante de seu adversário e implorar pela libertação dos soldados franceses para exterminar seus antagonistas de classe.

Assim, no dia 10 de maio de 1871, a França fez um acordo com a Prússia, assinou o Tratado de Frankfurt e pôs fim à guerra. Pelo acordo, Bismark se comprometeu a libertar dos soldados franceses. Todavia, entendendo que se tratava de um “caso sério” e que não per-

mitia titubeios, nem ressentimentos nacionalistas, confraternizou-se com Louis Adolphe Thiers, chefe do gabinete conservador e, além de libertar o exército francês, em solidariedade, enviou mais um batalhão de militares, de tal modo que não pairasse qualquer dúvida de que os inimigos da burguesia francesa e, conseqüentemente, também prussiana, fossem completamente exterminados.

Assim, como destacou o próprio Marx, ainda durante a vigência da sublevação de Paris, “mesmo que derrotada face aos lobos, porcos e rafeiros da velha sociedade, é o feito mais glorioso do nosso partido desde a insurreição de Junho parisiense” (MARX, 1983, p. 457). E continua Marx, “o fato inédito é que na mais tremenda guerra dos tempos modernos, o exército vencedor e o exército vencido confraternizaram na matança comum do proletariado. [...] A dominação de classe já não pode ser disfarçada sob o uniforme nacional: todos os governos são um só contra o proletariado” (1975, p. 215).

Em decorrência dessa aliança, desencadeou-se a que ficou conhecida como a **Semana Sangrenta**. A Comuna foi arrasada e a cidade, totalmente destruída. Os trabalhadores parisienses foram massacrados e exterminados. Mais de 30.000 foram fuzilados durante a guerra e aproximadamente outros 100 mil foram presos ou tiveram que fugir, ou foram condenados à pena de morte ou a trabalhos forçados.

Se os comunardos destruíram a igreja de Brea, edificada em homenagem à vitória burguesa nas Revoluções de 1848, a burguesia parisiense construiu a imponente basílica *du Sacré-Coeur*, do Sagrado Coração, erguida sob a colina do bairro de Montmartre, para comemorar o aniquilamento da Comuna de Paris em 1871. Essa basílica iniciou sua construção em 1875 e foi concluída em 1914.

A Comuna teve vida curta, durou apenas 72 dias, de 18 de março a 28 de maio de 1871. Mas, apesar disso, mostrou que, não obstante as forças contrárias, ao poder econômico, político, ideológico e bélico-militar, é possível mudar o rumo da história. É com este sentido que a Comuna de Paris irrompe e inscreve-se na história moderna como a primeira tentativa de construção de uma nova humanidade.



Apesar da Comuna de Paris não ter sido uma revolução socialista, nem servir de modelo para todas as lutas operárias que se sucederam, até mesmo, porque não existem modelos que possam ser exportados, ela não só inspirou Lênin e os revolucionários que fizeram a revolução Russa, mas também os que fizeram as demais revoluções. Seu grande mérito está no fato de ter sido a primeira Revolução Proletária da história da humanidade, ou então, como diz Engels, de ser a primeira experiência de Ditadura do Proletariado, que se soma a outras tantas lutas subsequentes, das quais podemos extrair lições para as lutas de hoje e amanhã.

Da mesma forma que a Comuna não foi resultado de estrategistas militares nem surgiu da cabeça de grandes homens, como nos diz Prosper-Olivier Lissagaray, que foi genro de Marx, “a força desta revolução é precisamente o fato de ter sido feita pelos homens comuns, e não por alguns cérebros privilegiados”.

Se não tivesse outros méritos, só o fato de ter sido a primeira tentativa de destruir na prática a máquina estatal burocrática e militar da burguesia, já seria um grande feito e se inscreveria como um acontecimento ímpar na história da humanidade, digno de todos os louvores.

Marx, entretanto, fala com entusiasmo sobre o heroísmo e a dedicação dos comunardos: “Que elasticidade, que iniciativa histórica, que capacidade de sacrifício nestes parisienses!”. Lissagaray também enaltece os lutadores:

Que potente vanguarda que, durante mais de dois meses, manteve na expectativa as forças coligadas das classes governantes; que imortais soldados os que, nos mortais postos avançados, respondiam ao versalhês: Estamos aqui pela Humanidade! (LISSAGARAY, apud, BARSOTTI, 2020a, p. 11).

Como se pode perceber, a Comuna de Paris não resultou de uma estratégia longamente planejada e arquitetada para “assaltar o céu”, nem teve um plano profundamente pensado sobre a forma de

administrá-lo. Teve um tanto de improvisação em função dos acontecimentos, das circunstanciais e das reivindicações face ao bonapartismo precedente. Também não se beneficiou de uma liderança e ou de um partido unificado que congregasse forças e interesses, ou de um programa político que definisse a direção do movimento.

Em 2017 comemoramos 146 anos da Comuna de Paris. Sem dúvida alguma, como dissemos, trata-se de um acontecimento central para a história da humanidade, um acontecimento que transcende o tempo e o espaço e, a partir daí, deixou marcas em todas as lutas dos movimentos operários ao redor do mundo.

Mas, afinal, porque ocorreu a Comuna de Paris de 1871? Onde se encontra suas razões de ser? A Comuna, do mesmo modo que qualquer outro fato histórico, não se explica nela e por ela mesma, encontra sua explicação na história e nas lutas travadas pelos homens ao longo do tempo.

Contraditoriamente, porém, pode-se afirmar que Comuna não teria existido se não tivesse surgido a propriedade privada que provocou a divisão social em classes, que desencadeou as lutas de classes e, conseqüentemente, a exploração e a dominação do homem pelo homem. Assim, como afirmam Marx/Engels, sendo que “a história de todas as sociedades até hoje é a história das lutas de classes” (1998, p. 04), também se pode dizer que esta é a razão profunda, primeira e última da Comuna. Ela certamente não teria ocorrido se não existissem as classes sociais.

Além disso, também se pode afirmar que ela não teria ocorrido, se não tivesse acontecido a Revolução Francesa, com seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, na qual os trabalhadores, em conjunto com a burguesia, derrubaram a Bastilha e, com ela, a aristocracia, a nobreza e o clero, numa palavra, puseram abaixo o velho regime. A burguesia saiu vitoriosa, impôs-se como classe dominante e, depois de ter conquistado seus interesses, passou a repelir e descartar seus antigos companheiros de luta.

A estes fatos somam-se as lutas dos trabalhadores de todos os tempos. A Comuna também não existiria sem os Cartistas (1830–1840), as *Trade Unions* do século XIX, a Associação Patriótica Alemã (1834), a Liga dos Proscritos (1834–1836), a Liga dos Justos (1836–1844), a Liga dos Comunistas (1847–1852), as Revoluções de 1848 e a AIT de 1864.

Um elemento fundamental foram as Revoluções de 1848, também chamadas de **Primavera dos Povos**, ocorrendo 59 anos depois da Revolução Francesa, em que, após muitas promessas e ilusões da burguesia, os trabalhadores finalmente conquistaram a consciência de que não só pertenciam a uma classe diferente, como possuíam identidade e interesses próprios, antagônicos a ela. A tomada dessa consciência resultou num custo muito alto para os trabalhadores, que foram duramente reprimidos e massacrados.

Diante disso, os trabalhadores perceberam que a única condição que teriam para enfrentar adequadamente a burguesia seria a sua unidade. Pois, à burguesia não fazia diferença se eram internacionalistas, blanquistas, republicanos, proudhonianos, ou se pertenciam a outra agremiação qualquer, ou até mesmo, se não pertenciam a nenhum partido. Todos eram simplesmente identificados como inimigos de classe e, portanto, transformados em objeto de ataque, extermínio e morte.

No *Manifesto do Partido Comunista* Marx já havia concluído que a única condição para enfrentar toda a ferocidade da burguesia era a unidade dos trabalhadores e conclamava: “Proletários de todo mundo, uni-vos!”. Com essa finalidade, em setembro de 1864, fundaram a Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), ou simplesmente, a **Primeira Internacional**, com caráter internacional.

Desse modo, como diz Marx em *Para a Crítica da Economia Política*, “O concreto é concreto porque é síntese de múltiplas determinações” (1991, p. 16), logo, a Comuna expressa uma síntese de múltiplas determinações.

Contudo, apesar de ter sido derrotada, seus princípios continuam vivos. Como Marx nos fala, “não podem ser destruídos; eles não deixarão de se impor cada vez mais até que a classe operária se liberte” (LERNER, 2002).

Como a Comuna foi destruída, muitos problemas e desafios colocados para a classe trabalhadora no passado, continuam sem solução e exigem que os enfrentemos de forma adequada, sob pena de vê-los se avolumar ainda mais, aliás, como ocorre no atual momento.

Porém, para enfrentá-los é preciso que a classe trabalhadora recupere as lições da história, que olhe para trás para avançar sem cometer os velhos equívocos. Para isso é necessário que os que lutam pela transformação abdicuem da competição mesquinha e das pequenas disputas e construam a unidade em torno do essencial, em torno da luta pela destruição do modo de produção baseado na propriedade privada, pela destruição das classes sociais, do Estado e do velho aparato burocrático, bélico e militar da burguesia.

Todavia, tanto a Comuna como a sua destruição, são pedagógicas, trouxeram muitas aprendizagens e lições que deveriam ser incorporadas pelos trabalhadores. Dentre as **aprendizagens** está o fato de se apresentar como resultado da conquista da consciência de classes das Revoluções de 1848; de que a burguesia não faz distinção da entidade, partido ou agremiação a que os trabalhadores pertençam. Todos são tidos e tratados por ela como inimigos de classe; e, de que é possível construir uma nova humanidade. Dentre as **lições**, a principal delas é que, para a burguesia não existem fronteiras e, se os trabalhadores quiserem assumir o poder e construir uma nova sociedade, não basta transferir o velho aparato político, ideológico, burocrático, bélico e militar das mãos da burguesia para os trabalhadores.

Afinal, como dizem Marx e Engels, (1999, p. 07), “o Estado não é mais do que um comitê para administrar os negócios coletivos de toda a burguesia”. Ou então, como afirma Engels na *Introdução à Guerra Civil em França*:

[...] não é mais do que uma máquina para a opressão de uma classe

por outra [...]. Como fez a Comuna, o proletariado vitorioso não pode deixar de amputar imediatamente, na medida do possível, os aspectos mais nocivos desse mal, até que uma futura geração, formada em circunstâncias sociais novas e livres, possa desfazer-se de todo desse velho traste do Estado (MARX, 2017, p. 09).

Portanto:

[...] o proletariado não pode, como fizeram as classes dominantes e suas diversas frações em suas sucessivas horas de triunfo, simplesmente se contentar em apoderar-se do aparelho estatal existente e dirigi-lo como se apresenta para seus próprios fins. A primeira condição para a manutenção do poder político é transformar a máquina existente e destruir este instrumento de dominação de classe (BARSOTTI, 2020b, p. 1).

Isso explica a perversidade e a crueldade da burguesa contra os comunardos / trabalhadores. O massacre aos comunardos foi como se quisesse dizer: não ousem nos provocar e nos ameaçar. Vejam do que somos capazes! Se fizemos isso nas Revoluções de 1848 e em 1871, não tenham dúvidas de que somos capazes de fazer o mesmo, ou até muito pior, quantas vezes forem necessárias.

## **Conclusão**

Como vimos no decorrer deste artigo, não dá para brincar com a burguesia. Não podemos esquecer que se trata de uma história de lutas de classes, e, por conseguinte, que é necessário ser coerente e consequente em relação a elas. A burguesia aprendeu desde cedo que, para manter sua condição, seus interesses e privilégios, é preciso fazer qualquer coisa. Daí a necessidade de enfrentá-la com os meios adequados.

Não por acaso, já que a burguesia controla praticamente todo o aparato ideológico, não se estuda, não se fala, não se discute sobre a Comuna de Paris. Dada a importância e o significado que ela tem para a classe trabalhadora, a classe dominante tratou não só de aniquilá-la e

exterminá-la materialmente, mas também de apagá-la da memória e relegá-la ao seu esquecimento.

A rudeza com que a burguesia abateu as revoluções de 1848 e a Comuna de Paris de 1871, também prenunciava, de certo modo, a forma como ela enfrentaria todas as revoluções que viessem a surgir a partir daí, como ocorreu com a Revolução Russa de 1917, a Revolução Chinesa de 1949 e a Cubana de 1959. Assim como ataca a Venezuela e os demais países da América Latina. Ninguém deveria se enganar e esperar que ela ficasse pacífica e assumisse uma posição de simples espectadora diante dos acontecimentos.

Hoje, a burguesia não admite nem mesmo a realização de reformas por parte de governos ditos progressistas. Na medida em que algum governo adota medidas de caráter popular, voltadas para a maioria dos trabalhadores, a burguesia, em sua ânsia por mais lucro e maior acumulação, ataca sem piedade, como se fosse um abutre. Portanto, caso se queira enfrentar adequadamente a burguesia, há que se pôr em prática a orientação feita em 1848, por Marx e Engels, qual seja, “Operários de todo mundo, uni-vos”.

## Referências

BARSOTTI, Paulo. **"Estamos aqui pela humanidade!" Viva a Comuna de Paris de 1871!** Disponível em <[http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v8\\_paulo\\_basotti.pdf](http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v8_paulo_basotti.pdf)> Acesso em: 17 jul. 2020a.

BARSOTTI, Paulo. **Para além do Estado e da Política:** a propósito da Comuna de Paris de 1871. Disponível em <<http://www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/paulo-barsotti.pdf>> Acesso em: 17 jul. 2020b.

ENGELS, F. **Introdução de Engels à Guerra Civil na França.** Disponível em: <[http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/bibliografia/GUERRA\\_CIVIL\\_FRANCA.pdf](http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/bibliografia/GUERRA_CIVIL_FRANCA.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2017.

LISSAGARAY, P-O. **História da Comuna de 1871**. São Paulo: Ensaio, 1991.

LERNER, F. [at al]. **A Comuna de Paris: estamos aqui pela humanidade**. São Paulo: Xamã, 2002.

MARX, K. “Marx a Ludwig Kugelmann, de 12 de abril de 1871”. In: \_\_\_\_\_. & ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. Tomo II. Lisboa: Avante, 1983.

\_\_\_\_\_. **A guerra civil na França**. In: Marx e Engels, Ed. Sociais, Textos 1, 1975.

\_\_\_\_\_. Para a Crítica da Economia Política. In: \_\_\_\_\_. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Nova cultural, 1991.

\_\_\_\_\_. & ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Apresentação José Paulo Neto. São Paulo: Cortez, 1999.